



“NEM TUDO SÃO FLORES”: O AGRONEGÓCIO DAS FLORES E O TRABALHO DAS MULHERES EM SÃO BENEDITO-CE

“Not Everything is Flowers”: Flower Agribusiness and Women’s Work in São Benedito-CE

Marilia de Araújo Fontenele

Mestre em Geografia no Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia (MAG) da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2941-8377>

mariliafontenele2015@gmail.com

Aldiva Sales Diniz

Professora do curso de Geografia e do Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9680-4617>

aldiva_sales@uvanet.br

Antonia Vanessa Silva Freire Moraes Ximenes

Professora da Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC/CE e Professora Colaboradora do Programa de Mestrado Acadêmico em Geografia (MAG) da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7878-9433>

vanessafxgeo@gmail.com

Artigo recebido em 01/06/2022 e aceito em 30/10/2022

RESUMO

Este trabalho analisa a mão de obra feminina no agronegócio das flores no município de São Benedito-CE, cujo setor tem se destacado no Ceará e, em especial, na Chapada da Ibiapaba. Aqui a produção de flores se inicia a partir do ano 2000 através da vinda da empresa Reijers Produção de Rosas S.A que já atuava no sul do país e chega ao município de São Benedito/CE com um novo modo de produção, que são as flores. O estudo apresentado concretizou-se mediante as bibliografias a respeito das temáticas e conceitos trazidos na discussão, bem como as visitas de campo para conhecimento dos sujeitos pesquisados, no caso, as mulheres. O trabalho buscou ainda, aprofundar as narrativas pessoais, ou seja, a subjetividade dos sujeitos envolvidos alinhando-se com a pesquisa documental, os registros fotográficos. Desse modo, a pesquisa perpassa pelas definições e desmistificações das políticas do agronegócio e revela o recorte trabalhado a partir da inserção da mão de obra feminina no agronegócio das flores. Nesse momento da pesquisa os sujeitos cujos nomes foram substituídos por codinomes das flores que elas mulheres produzem na fazenda, revelam por meio de suas falas, as expectativas, os medos, os anseios e os sonhos que trazem

enquanto mulheres, esposas e mães e trabalhadoras, direcionando o fechamento dessa pesquisa e as conclusões das análises propostas e nos fazendo entender o real sentido do título desse trabalho que “Nem tudo são flores”.

Palavras-chave: Gênero; agronegócio das flores; mão de obra feminina.

ABSTRACT

This work analyzes the female workforce in the agribusiness of flowers in the municipality of São Benedito-CE, whose sector has stood out in Ceará and, in particular, in Chapada da Ibiapaba. Here, the production of flowers begins in the year 2000 with the arrival of the company Reijers Produção de Rosas S.A, which already operated in the south of the country and arrives in the municipality of São Benedito/CE with a new production method, which are flowers. The study presented was carried out through bibliographies regarding the themes and concepts brought up in the discussion, as well as field visits to get to know the researched subjects, in this case, women. The work also sought to deepen the personal narratives, that is, the subjectivity of the subjects involved, aligning with documentary research, photographic records. In this way, the research goes through the definitions and demystifications of agribusiness policies and reveals the cutout worked from the insertion of female labor in the agribusiness of flowers. At this moment in the research, the subjects whose names were replaced by the code names of the flowers that they women produce on the farm, reveal through their speeches, the expectations, fears, anxieties and dreams that they bring as women, wives and mothers and workers, directing the closure of this research and the conclusions of the proposed analyzes and making us understand the real meaning of the title of this work that “Not everything is flowers”.

Keywords: Gender; flower agribusiness; female labor.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada busca analisar a inserção da mão de obra feminina no agronegócio das flores no município de São Benedito-CE, cujo setor tem se destacado no Ceará e, em especial, na Chapada da Ibiapaba.

Empresas como a CeaRosa Comércio Exportação Importação de Flores Ltda. e a Reijers Produção de Rosas S.A., sendo esta última considerada o maior grupo empresarial de floricultura no município de São Benedito-CE, ambas as empresas vieram do sul do país e chegaram ao Ceará com propostas de desenvolvimento e inserção dos espaços no mundo capitalista.

A empresa Reijers S.A foi escolhida para realizar a pesquisa porque vem sendo considerada a maior produtora de rosas do estado do Ceará, destacando-se também em nível nacional, conforme informações contidas em Costa e Santos (2016); Sebrae (2015) e Rocha e Sampaio (2013). Além do fato de ser a maior produtora, tem no trabalho das mulheres um grande impulso no negócio das flores.

A chegada da fazenda de flores ao município de São Benedito-CE trouxe inquietação e questionamentos por parte de algumas pessoas da cidade, principalmente as mais velhas que

residiam no lugar. Em uma entrevista¹ sobre a chegada das fazendas ao município, um agricultor chegou a questionar por que o empresário plantaria flores em um espaço tão grande se ninguém comia flores e que a terra deveria ser usada para plantar feijão, que alimentava as pessoas e era a cultura do lugar.

Refletindo sobre a fala do agricultor devemos lembrar que o agronegócio não se preocupa em produzir alimentos, mas sim commodities, apoiando as políticas de exportação que Santos (2008) caracterizaria como atividades pertencentes ao circuito superior² da economia, sendo voltadas à exportação e atividades do setor terciário. Políticas assim acabam por aumentar a desigualdade social e as disparidades entre pequenos produtores e empresários.

O agronegócio das flores é uma atividade em ascensão com amplo mercado nacional e internacional, apresentando uma importante dinamização e passando a ser produzido em locais antes não interessantes ao capital, como é o caso do espaço que vem sendo usado na Ibiapaba para o setor florístico desde a chegada dos grandes produtores.

Esses novos investimentos vêm remetendo a uma seletividade espacial por meio da utilização crescente de novas tecnologias, que não se faziam presentes na realidade dos municípios e que, na atualidade, mais precisamente a partir do ano 2000, com a chegada de empresários que investiram no ramo florístico em São Benedito-CE, proporcionaram agora transformações no campo e nas relações campo e cidade.

E foi buscando entender a inserção das mulheres no agronegócio das flores, que recorremos a autores como Campos (2011), Neves (2013) e Matos (2008) para uma melhor análise das relações sociais no mundo do trabalho no sistema capitalista, além das questões recorrentes sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho.

Corroboramos a afirmação de Saffioti (2013), segundo a qual o capitalismo produz cada vez mais exclusão e desigualdades a partir da hegemonia estabelecida por esse sistema, e sendo as mulheres como maioria da população brasileira, são as mais afetadas por esse processo de exclusão e desigualdade mencionado como mostram as estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010).

Silva (1998) afirma que, uma vez entendido que o espaço não é neutro, do ponto de vista do gênero, é necessário trazer as diferenças sociais e territoriais que compõem a vida em sociedade, nos permitindo entender ainda que os diferentes espaços geográficos são produzidos pelas relações

1 Informações colhidas por meio da entrevista sobre a produção de flores na Ibiapaba. Reportagem: Serra da Ibiapaba, no Ceará, se especializa no cultivo de rosas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch>. Acesso em: 15 out. 2019.

2 Circuito superior da economia é usado por Milton Santos para designar os setores mais industrializados e desenvolvidos, que utilizam modernas tecnologias.

de gênero, pelo conjunto da sociedade em relação com as classes e etnias, conforme aponta Lavina (1997 *apud* Silva, 1998).

Então, a importância do trabalho das mulheres que configuram no processo de modernidade exemplos de força e resistência, ao lutar para se manterem e ganharem a vida a partir dos novos modelos econômicos gerados pelo sistema capitalista.

Revelando-se com um caráter qualitativo, a pesquisa permitiu que buscássemos aprimorar as informações e conhecer o campo a ser trabalhado, entendendo as relações sociais que ocorrem naquele ambiente e sua relevância nos espaços envolvidos com o sujeito e na sociedade.

Para que fosse possível analisar como se dá o trabalho das mulheres em ambiente destinado a um serviço especializado, que é produzir flores e plantas ornamentais, foi preciso descortinar as reais condições de trabalho das mulheres nesse setor e o modo como elas encaravam as duras rotinas de trabalho, para isso realizamos entrevistas com doze mulheres. Inicialmente, as conhecemos nas suas rotinas de trabalho e depois na sua vida cotidiana³, onde elas precisavam lidar com a profissão e com a responsabilidade de mãe, esposa e dona de casa.

Os fragmentos das falas apresentados na pesquisa tendem a ser fieis aos relatos pronunciados pelas entrevistadas. Como uma forma de não expor nossas entrevistadas, optamos por manter os nomes das mulheres preservados por codinomes correspondentes a flores que são produzidas na fazenda. Logo, trazemos Rosa Ipanema; Gipsófila; Gérbera; Girassol; Rosa Malaika; Rosa Dolomit; Orquídea; Rosa Azul; Rainha Margarida; Rosa Negra e Rosa Rebu dentre os textos que enriqueceram e foram subsídios em nossas afirmativas ao longo da escrita. Essas entrevistas nos auxiliaram na compreensão dos processos específicos e nos permitiram adentrar nas questões que ainda não tinham sido esclarecidas pelas observações.

Também alguns homens foram entrevistados, se tratavam dos moradores próximos a empresa que nos contaram um pouco sobre a história da vinda da fazenda de flores ao município de São Benedito/CE e como era usado espaço antes das flores. Os codinomes usados para os homens foram Tango; Boca de Leão e Antúrio.

Por meio de leituras relacionadas às temáticas abordadas, sites de pesquisas e notícias, aliadas a pesquisa de campo, processamento de dados e informações apreendidas, adquirindo com as vivências e relatos das mulheres, foi possível fazer um levantamento que permitisse a consolidação da escrita proposta nesse trabalho.

³ Vale ressaltar que, embora as visitas para convivências e observações para a pesquisa fossem na empresa, as informações mais pessoais e as falas das mulheres tiveram de ser marcadas em outros ambientes.

2. A REALIDADE DAS MULHERES TRABALHADORAS NA PRODUÇÃO DE FLORES

Entendemos que a presença feminina no mercado de trabalho reafirmou a capacidade das mulheres em se dedicarem a quaisquer atividades propostas à vida moderna, como resposta a décadas de silêncio e participação negada na sociedade patriarcal. Então, procuramos analisar, a partir do conceito de gênero, o lugar da mulher no mundo do trabalho.

Segundo Neves (2013), o estudo de gênero e o trabalho no Brasil passou pela influência da sociologia francesa, que rompendo com os paradigmas dominantes, veio integrar ao conceito de trabalho as categorias de sexo e gênero. O referido autor destaca que a análise de relações de gênero possibilitou a compreensão das relações hierárquicas de poder que estão presentes na sociedade, mostrando assim as desigualdades e discriminações sofridas no trabalho feminino.

Em uma mesma perspectiva, Campos *et al.* (2017) nos orientam que embora a recente atuação da mulher no mercado de trabalho já tenha muitas conquistas, as diferenças salutaras entre homens e mulheres trabalhadoras ainda se mostram em posição hierárquica social simbólica e invisível. Seguindo o mesmo parâmetro, Rossini (2011) diz que para entender a realidade do trabalho feminino é preciso obrigatoriamente passar pelas relações de trabalho.

Na realidade das mulheres pesquisadas em São Benedito-CE, buscamos entender a dura rotina de trabalho que elas enfrentam por meio de suas atividades no agronegócio das flores. Mulheres estas que diariamente enfrentam os desafios de cuidar da casa, do marido e dos filhos e conciliam todas essas funções junto ao fato de serem mão de obra no mundo do agronegócio.

Afinal, a mulher que já vinha rompendo com o “verdadeiro universo da mulher”, que era restrito ao mundo doméstico mostrado em Louro (1997), usa o trabalho como possibilidade de reafirmar suas condições e competências igualmente aos homens, conforme esta autora nos revela:

Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como *são* ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, “de apoio”, de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação (LOURO, 1997, p.17).

Assim, o trabalho apresenta-se como instrumento social que se define na prática cotidiana dos gêneros e acaba por ser um dos campos onde mais surgem os conflitos relacionados com a temática dos gêneros.

Outra abordagem importante que podemos considerar sobre as relações conflitantes que o trabalho envolve é revelada em Saffioti (2013), ao concordar que o conceito de gênero estaria ligado ao mundo do trabalho e à presença da mulher na sociedade de classes, em que a condição feminina passa a ser vista como resultado da injunção de fatores naturais e sociais.

Da mesma forma, Bourdieu (2012) vem explicar que a diferença biológica entre os sexos pode ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e principalmente da divisão social do trabalho.

A atuação do trabalho dentro da sociedade é assumida como um meio de produção e reprodução da vida, que se dá tanto pela reprodução das espécies como também pela produção do trabalho, que é responsável por produzir os meios de existência e trazer dignidade à vida das pessoas.

Antunes (2009) apresenta-nos uma leitura esclarecedora do trabalho em seu livro “Os sentidos do trabalho”, no qual discute a divisão sexual do trabalho e configuração da classe trabalhadora nesse processo que ele categorizou de primeira e segunda ordem.

Na divisão sexual do trabalho, operada pelo capital dentro do espaço fabril, geralmente as atividades de concepção ou aquelas baseadas em capital intensivo são preenchidas pelo trabalho masculino, enquanto aquelas dotadas de menor qualificação, mais elementares e muitas vezes fundadas em trabalho intensivo, são destinadas às mulheres trabalhadoras (e, muito frequentemente também aos trabalhadores/as imigrantes e negros/as) (ANTUNES, 2009, p. 105).

Desse modo, Antunes (2009) afirma que, segundo os dados da Organização Internacional do Trabalho - OIT, a exploração e precarização do trabalho das mulheres com longas jornadas de trabalho em várias partes do mundo, confirma que os regimes de exploração porque faltam oportunidades, igualdade de gênero e reconhecimento, não por serem sexo feminino, mas porque seus esforços e capacidades valem tanto quanto os esforços e capacidades do sexo masculino.

Em nossa pesquisa na fazenda de flores, a grande maioria das mulheres com quem convivemos mostravam-se gratas pelo trabalho porque, antes da chegada da fazenda, elas não tinham outra fonte de renda. Porém, à medida que foi possível se aproximar das realidades das mulheres, pudemos entender suas dores e como aquela única opção é sofrida para as mulheres solteiras, casadas e mães de família.

Cada realidade aproximada descortinou uma forma de ver e perceber seus esforços, mesmo na gratidão do trabalho que se apresenta como dádiva nos tempos difíceis, a dificuldade e o peso da rotina que a função delas impõe pode ser percebido em cada experiência relatada.

Assim, Saffioti (2013) torna-se uma referência pioneira nesse estudo que analisa o trabalho das mulheres e as relações de gênero, propondo discussões que visam romper com as concepções machistas tradicionais. Ao mencionar que, embora o trabalho das mulheres encontre-se inserido em todos os setores da economia, elas não recebem por igual e muito menos são tratadas do mesmo modo que a mão de obra masculina, por isso, concordamos com Saffioti (2013) quando nos revela que as realidades ainda permanecem desconhecidas.

Nesse sentido, observamos que na produção de flores os ambientes e trabalhos destinados às mulheres são especificamente selecionados, como se elas não pudessem operar em qualquer setor com a mesma capacidade e dedicação que os homens.

Partilhando da mesma concepção, Adichie (2015) revela em seu estudo que existem mais mulheres do que homens no mundo, sendo que as mulheres correspondem a uma média de 52% da população mundial, discute a autora. No entanto, apesar desses números revelarem uma suposta dominação das mulheres nos postos de trabalho e na sociedade, a realidade é que ainda assim os cargos de poder e privilégio são majoritariamente ocupados por homens.

Na realidade de São Benedito-CE, as mulheres alegam que, no início, os trabalhos com as flores não foram bem aceitos pelos homens moradores do lugar, que encaravam esse tipo de atividade como uma tarefa específica das mulheres, cabendo então a essas, que necessitavam de trabalho, acolher e moldarem-se ao serviço.

Na convivência com nossas entrevistadas, elas revelavam em suas falas a decepção por saber que muitas pessoas ainda chegam até elas e dizem que trabalhar com flores é fácil, é leve e por isso deve ser uma tarefa destinada às mulheres, cabendo aos homens outras funções mais difíceis.

Mal sabem as pessoas que detêm essas concepções que as rotinas pesadas de trabalho e metas impostas obrigam as mulheres a passarem o dia nas fazendas de flores e terem somente uma hora de almoço, o que mal dá tempo de se deslocarem aos refeitórios e comerem com dignidade, visto que o espaço das instalações é enorme e alguns setores e estufas ficam mais afastados, como aponta Rosa Ipanema (2019) sobre os horários de rotinas:

Assim, pra gente aqui só tem uma hora de almoço pra cada uma de nós. Essa uma hora passa ligeiro e não dá tempo nós discansar nadinha não. Aí, eu já trago é minha comida feita de casa pra ser mais ligeiro e ganhar tempo, porque se a gente fosse em casa pra almoçar, o tempo de chegar, cumer e voltar já dava uma hora e ainda ia ter coisas pra fazer na casa da gente. Descanso mesmo só quando chega em casa à noite, e mesmo assim, em casa ainda tem os afazer da gente todo dia. Aí pronto! (ROSA IPANEMA, 2019)⁴.

Algumas mulheres confidenciaram que não podem parar suas atividades para fazer sequer um lanche. O único horário destinado à alimentação é a hora do almoço e que, por vezes, algumas comem algo escondido das supervisoras para aguentarem até o almoço, revelou Rosa Ipanema (2019).

É importante mencionar que, com o decorrer do tempo e o crescimento das empresas de flores, homens e mulheres encaixaram-se no setor, embora algumas áreas sejam ainda comandadas pelo trabalho das mulheres, como no caso das esteiras.

Os modelos que envolvem o mundo do trabalho são bem esclarecidos em Saffioti (2013), ao nos revelar que o capitalismo usa a força de trabalho para sustentar-se e manter-se, embora sua

⁴Entrevista realizada com, trabalhadora na fazenda de flores em São Benedito-CE, em maio de 2018.

preocupação seja unicamente com o lucro. A autora ainda explica que essas posturas seguem amparadas por discursos que tentam explicar e manter as desigualdades existentes, sejam entre pobres e ricos ou mesmo entre homens e mulheres.

É nítido perceber que nesses moldes, a inserção da mulher nos diferentes tipos de trabalho vem exigindo cada vez mais um desdobramento por parte dela, pois as mulheres que lutaram por dignidade e igualdade de condição não buscam, com a conquista e o direito ao trabalho, acarretar uma responsabilidade a mais das que já possuía e dos fardos que carregavam enquanto mulheres.

Logo, não é o que acontece, pois uma parcela das mulheres continua com as mesmas responsabilidades domésticas, como cozinhar, cuidar da casa e da família. Uma vez que trabalham fora de casa, elas são submetidas a uma jornada de trabalho triplicada, tendo de dar conta de tudo sozinhas. Essa realidade não é diferente na vida das mulheres que trabalham no agronegócio das flores

É essencial discutirmos que a escolha da mulher pelo trabalho está pautada nas mais diversas realidades e situações, algumas mulheres não só porque buscam o empoderamento e desejam se sentirem úteis e capazes, mas também por conta de duras realidades, como ter de sustentar os filhos sozinhas, e até casos que sustentam os próprios parceiros, conforme Antunes (2009) nos mostra ao dizer que:

A mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa, ou, se quisermos, dentro e fora da fábrica. E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato do trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital: desde logo por exercer, no espaço público, seu trabalho produtivo no âmbito fabril. Mas, no universo da vida privada, ela consome horas decisivas no trabalho doméstico, com o que possibilita (ao mesmo capital) a sua reprodução, nessa esfera do trabalho não diretamente mercantil, em que se criam as condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos/as e de si própria (ANTUNES, 2009, p. 108).

O depoimento de Gérbera (2019) vem reforçar a dura realidade das mulheres ao conquistar o direito ao trabalho para assumir a responsabilidade de mais uma atividade e assim poder sustentar a família.

No mundo de hoje a gente tem que trabalhar e ajudar im casa, se não falta as coisas pros nossos filhos e quem é que vai dar o que eles precisam? Trabalho pra quando eles me pedirem alguma coisa eu ter pra dar pra eles. Às vezes a gente tem até vontade de ficar em casa, mas trabalhar é bom e o bom é que é de carteira assinada. É o que garante alguma coisa no futuro da gente (GÉRBERA, 2019)⁵.

Diante da necessidade de se dedicar às atividades domésticas, aos cuidados com a própria vida e ao mundo do trabalho, a mulher foi obrigada a conseguir conciliar melhor o tempo e as atividades. Ao dialogar com Girassol (2019), percebemos a luta para conciliar as atividades referentes à vida de mulher, mãe, dona de casa e funcionária.

⁵Entrevista realizada com trabalhadora na fazenda de flores em São Benedito-CE, em setembro de 2018.

O certo, moça, é que a gente só trabalha porque precisa, né? Num é porque quer não. É a necessidade que grita. Eu me acordo todo dia é 05:30 da manhã porque eu já tenho que deixar tudo pronto pro dia. Levo logo meu almoço e só volto pra casa de noite. Quando chego, estou morta de cansada e mal aguento cuidar dos filhos. Até quiria estudar porque parei os meus estudos no ensino médio, mas entre eu estudar e ficar com as crianças, prefiro ficar com eles. Eles passam o dia sem mim, né? Também o cansaço da gente é tão grande, mulher, que não aguentaria era nada e já, que tem que arrumar tudo de novo pro outro dia. (GIRASSOL, 2019)⁶.

Essa capacidade de lidar com tantas responsabilidades não é porque as mulheres são dotadas de mais habilidades, mas sim porque a função as obrigou a dar conta de um universo de coisas e elas foram desenvolvendo as competências necessárias para se harmonizar com suas obrigações, conforme defende Antunes (2009):

Mas o capital tem sabido também se apropriar intensificadamente da polivalência e multiatividade do trabalho feminino, da experiência que as mulheres trabalhadoras trazem das suas atividades realizadas na esfera do trabalho reprodutivo, do trabalho doméstico. Enquanto os homens - pelas condições histórico-sociais vigentes, que são, como vimos, uma construção social sexuada mostram mais dificuldade em adaptar-se às novas dimensões polivalentes (em verdade, conformando níveis mais profundos de exploração), o capital tem se utilizado desse atributo social herdado pelas mulheres (ANTUNES, 2009, p. 110).

Tentando entender essa lógica do lugar social da mulher, analisamos o avanço do mundo tecnológico a partir da Segunda Revolução Industrial no século XVIII, quando o uso da mão de obra fica sendo mais explorado e surge uma reconfiguração do mundo do trabalho, cujo capital torna-se o centro e a exploração do trabalhador passa a ser o combustível principal da produção e da mais-valia.

Podemos então considerar que sistema capitalista capturou o trabalho da mulher, mas não a reconheceu em sua igualdade de gênero e nem reconheceu os seus direitos, passando a considerá-la somente como mão de obra abundante e barata, disponível à necessidade do capital. O reconhecimento por igualdade de gênero implica que cada ser seja tratado conforme suas necessidades e dentro do princípio ético e justo.

Nas conversas com as mulheres trabalhadoras dentro das estufas de flores, algumas revelam as piores situações que viviam nos períodos menstruais sob o calor das estufas e das roupas que tinham de usar para se submeter ao trabalho o dia inteiro.

As mulheres revelaram que logo nas primeiras horas da manhã as estufas já eram muito quentes e nos dias de sol forte, o calor ali dentro é insuportável. Mesmo assim, elas tinham de passar o dia inteiro nesse ambiente abafado e sem conforto.

O que é mais ruim aqui nesse nosso imprego é o calô que nós passa aqui. Cê vê que a gente se protege como pode, né? É usando o mangote⁷ e todo tipo de proteção que cê possa

⁶Entrevista realizada com trabalhadora na fazenda de flores em São Benedito-CE, em setembro de 2018.

⁷ O mangote é um tipo de manga de blusa que são vendidas com intuito de proteger os braços das pessoas que trabalham ou se expõem muito ao sol. Geralmente é muito comum ver motoboy e mototaxistas utilizando. Nas estufas e

imaginar, nós usa aqui o chapéu, a máscara, por causa do cheiro, luvas e aí é que o negócio fica mais quente. (ROSA MALAIKA, 2019)⁸.

O fato relatado por Rosa Malaika (2019) pode ser observado e sentido por quem visita a estufa, que realmente é um ambiente extremamente degradante, chega a ser insuportável passar mais de meia hora dentro da estufa. As mulheres submetem-se a esse tipo de trabalho por falta de opções, como explica Girassol (2019), segundo a qual não restavam muitas opções para as mulheres com menos estudo, seria a roça, a vida doméstica ou esse tipo de trabalho nas empresas privadas.

Aqui em São Benedito não tem muito imprego pra gente não! Também nem tem muita impresa pra gente trabaiair. Aqui mesmo, eu acho que só tem essa e mais outra, então é o jeito a gente aguentar as dificuldades de lá, fazer o que? Num é fácil, num é, mas a gente precisa de imprego. (GIRASSOL, 2019).

As estufas⁹, são lugares quentes e sem ventilação, é uma estrutura que tem como objetivo absorver e reter o calor proveniente do Sol mantendo a temperatura interna controlada de acordo com a entrada de radiação solar. São essenciais nesse tipo de agronegócio por conseguir estabelecer uma temperatura ideal ao crescimento das rosas.

O trabalho nas estufas é feito por um grupo menor de mulheres que se revezam, compondo um grupo de três ou quatro mulheres de acordo com o período e a demanda do mercado. Elas também são comandadas por uma supervisora. As mulheres têm funções de colher as rosas, colocar as redinhas¹⁰, como relata Rosa Ipanema em sua fala:

O meu trabalho lá dentro das estufas é nas redinhas, mas a gente faz de tudo se precisar. No meu caso, eu boto as redinha, colho, depende da necessidade e do que a supervisora pede pra gente fazer. Aí, nesse trabalho, a gente se protege de todo jeito. Eu uso chapéu, calça, bota, blusa de manga, mangote e máscara, mas a máscara que cê viu é um pano ou uma blusa e a gente usa por causa do cheiro. O ruim de lá é o calor que aumenta por causa das roupa, né? Mas tem que estar protegida lá dentro porque mesmo com tudo isso, oh meu braço arranhado, tudo isso aqui é de lá. Não tem como ficar andando lá dentro sem ter contato com as roseiras não. Por isso é que arranha é muito a gente (ROSA IPANEMA, 2019).

Durante a conversa com Rosa Ipanema (2019), a trabalhadora nos mostra os arranhões que traz do trabalho devido ao contato com as roseiras durante suas tarefas diárias. Mesmo estando protegida, os espinhos e os talos das rosas ainda deixam marcas e cicatrizes no corpo dessas mulheres trabalhadoras que lidam diretamente com as rosas.

Em outro ambiente próximo à entrada das estufas, um grupo de mulheres faz organização das caixas, contendo as rosas e flores já colhidas, que serão transportadas até a classificação, local

no campo das flores, são usados pelas mulheres e homens como tipo de Equipamento de Proteção Individual - EPI.

⁸Entrevista realizada com trabalhadora na fazenda de flores em São Benedito-CE, em setembro de 2018.

⁹A estufa é construída por materiais transparentes, que permitem a passagem de praticamente toda a radiação solar. Esta radiação aquece o solo da estufa e emite radiação infravermelha.

¹⁰ As redinhas faladas e usadas nas estufas das roseiras tratam-se de pequenas telas plásticas que sustentam as pétalas da roseira, permitindo que o botão de rosa cresça com qualidade.

conhecido pelas esteiras, onde as rosas e flores são separadas por tamanho e haste. Após a colheita, as flores são encaminhadas para serem classificadas por variedades, ponto do botão e tamanho das hastes. As rosas com as hastes maiores são mais rentáveis ao mercado consumidor por demonstrarem mais a firmeza e o encanto da rosa. Estas têm mais procura e um custo mais elevado.

Nas esteiras há uma maior concentração de mão de obra feminina é um lugar destinado à seleção dos produtos recolhidos em campo diariamente e trazidos pelos homens em carinhos ou em carroça de animal. Nesse espaço é que são recebidas as flores para seleção e embalagem, possui pouca iluminação natural, caracterizando-se como um lugar desconfortável elas trabalham em pé ao desenvolvimento das atividades que se dão em 44 horas semanais.

O rápido manuseio e a repetição das atividades são percebidos por quem visita esse espaço, o esforço que elas fazem para manter a agilidade da produção pode comprometer a saúde de quem trabalha o dia inteiro na mesma função. Uma de nossas entrevistadas, a Rosa Dolomit (2019), afirma que o trabalho é cansativo, relatando que:

[...] nós passa o dia todim im pé e nós só tem uma hora pra almoçar e voltar pra lá, o resto do tempo é todim trabalhando. Aí acontece que na produção tem que fazer tudo rápido mesmo, não pode perder tempo não, porque nós tem que dar conta do tanto de trabalho de cada dia e nós tem a supervisora que comanda a gente (ROSA DOLOMIT, 2019).

Quanto maior for a agilidade no processo de selecionar e montar as hastes, mais eficiência a equipe terá no cumprimento da demanda do trabalho proposto. A grande demanda de consumo do mundo globalizado exige que os processos sejam cada vez mais rápidos e assim gerem, em pouco tempo, um grande lucro. Assim, os processos manuais precisam serem rápidos para se assemelharem à rapidez das máquinas e à fluidez que comanda o mundo moderno.

O grande destaque na produção florística são as também chamadas estufas de gérberas, Figura 20. Estas tornam-se a capa de divulgação da beleza atrativa das flores a centenas de visitantes individuais ou em grupos que chegam diariamente ao local. Nessas estufas chegam a se fazer três colheitas diárias e que são essas as mais usadas para visitação dos turistas que procuram a empresa. Neste outro ambiente, podemos observar como ocorre o preparo das gérberas¹¹, que também têm lugar de destaque na produção e na procura de mercado, além das rosas tradicionais.

Observamos que os cuidados técnicos e o transporte das flores colhidas geralmente ficam sob responsabilidade dos homens, porém, a colheita nas estufas é feita por homens e mulheres que cuidam de todo o processo de crescimento e manutenção das estufas até as flores e rosas estarem no ponto de serem colhidas.

11 As estufas de Gérbera são mais visitadas e divulgadas como modelo da beleza natural das flores. Como as estufas de rosas ficam cobertas até a colheita, os visitantes não percebem muita beleza e geralmente nem visitam esses lugares. Por isso, as estufas de gérberas, como ficam sempre abertas até a colheita, são os lugares mais visitados e divulgados pelo público.



Figura 1- Estufa de produção de gérbera em São Benedito-CE.
Fonte: Fontenele, 2018.

Os locais de trabalho das mulheres possuem fiscais que regulam os tempos das saídas e a produção individual e coletiva de cada setor. Dois espaços diferenciam-se no local, o da chegada das flores para seleção e embalagem, e outro mais particular, com menos mulheres, onde são montadas as hastes, buquês e arranjos florais que envolvem bulbos e outras folhagens para venda em varejo ou atacado desses produtos.

Nessa etapa do processo, as flores já selecionadas serão montadas as hastes e arranjos florais para depois seguirem para as câmaras frias, que precisam estar com uma temperatura baixa para manter as flores em bom estado de conservação e em seguida aguardarem o processo de transporte.

As mulheres têm meta de produzir cerca de seis mil a oito mil hastes por dia, chegando a ultrapassar esse número em períodos de grande demanda no mercado, como mês das mães e dos namorados, por exemplo. A produção dessas mulheres trabalhadoras é contada por maço de rosas, cada maço tem vinte hastes.

As metas são colocadas sempre em observação e geralmente são bem elevadas. Para dar contas de tantas metas, muitas vezes as mulheres são submetidas a duras jornadas de horas extras. As mulheres são cobradas a cumprir suas metas com um trabalho que exige atenção e controle no processo, porém, é preciso lembrar que a maior parte destas que se responsabilizam pela seleção e embalagem das flores, não tiveram a oportunidade de completar o Ensino Médio e passaram a depositar, nessa chance de trabalho, a única maneira de ganhar algum sustento para manter suas despesas, domésticas e pessoais, e ajudar suas famílias.

A mão de obra feminina é a grande responsável por colaborar e manter os fluxos das vendas, mostrando assim a grande responsabilidade do trabalho dessas mulheres que não medem esforços para obter suas conquistas profissionais, pessoais e manter a responsabilidade com suas famílias.

A falta de oportunidades no campo torna-se um fator agravante para a exploração da mão de obra das mulheres pobres e sem instrução, que se fazem subordinadas aos diversos modelos que se apropriam dos lugares e usam sua força de trabalho. Rossini (1998) discute que a concentração fundiária, responsável por acabar com muitas das pequenas unidades familiares, diminuiu a agricultura de subsistência e o uso da mão de obra, principalmente se tratando das mulheres.

Contudo, essas mulheres têm no seu processo de trabalho e na sua força laboral a capacidade de produzir e sustentar riquezas. Em casos assim, a força de trabalho não recebe incentivo por meio de programas e políticas públicas que gerem valores e riquezas para o trabalhador.

A falta de opção faz com que o trabalhador e a trabalhadora se submetam às mais precarizadas condições de trabalho sob esse ciclo dominante que o capital impõe sobre o trabalhador, Marx (2004) nos mostra que nesse formato de sistema sempre haverá uma dominação e uma submissão. Nesse sentido, o trabalhador e a trabalhadora são os sujeitos dominados e refêns do poder capitalista.

Conforme Marx (2004), o sujeito a desenvolver o trabalho é o trabalhador, e este seria aquele que, sem dispor de capital e renda da terra, passa a viver puramente do trabalho, recebendo em troca somente o suficiente para poder trabalhar mais e enriquecer seus exploradores. O autor afirma que:

A acumulação de capital aumenta a divisão do trabalho, a divisão do trabalho aumenta o número de trabalhadores; inversamente o número de trabalhadores aumenta a divisão do trabalho, assim como a divisão do trabalho aumenta o acúmulo de capitais. Com esta divisão do trabalho, por um lado, e o acúmulo de capitais por outro, o trabalhador torna-se sempre mais puramente dependente do trabalho e de um trabalho determinado, muito unilateral, maquinal (KARL MARX 2004, p. 26).

Segundo analisa Antunes (2009), quando se trata do trabalho feminino o sistema capitalista se dá conta de que essa mão de obra pode ser usada de maneira mais assídua, visto que se mostra disponível e abundante. A mulher passa a ser vista como uma força de trabalho importante, porém, ainda considerada secundária, que supre as necessidades do sistema produtivo no desenvolvimento das atividades, cujo valor de pagamento poderia ser inferior àquele devido aos homens que executam as mesmas tarefas.

Sabe-se que esta expansão do trabalho feminino tem, entretanto, significado inverso quando se trata da temática salarial, terreno em que a desigualdade salarial das mulheres contradita a sua crescente participação no mercado de trabalho. Seu percentual de remuneração é bem menor do que aquele auferido pelo trabalho masculino. O mesmo frequentemente ocorre no que concerne aos direitos e condições de trabalho (ANTUNES, 2009, p. 105).

Essa situação, sustentada durante séculos, está presente em muitas realidades veladas por concepções preconceituosas e subordinadas ao sistema capitalista de produção, como nos aponta Bourdieu (2012):

A melhor prova das incertezas do estatuto atribuído às mulheres no mercado de trabalho reside, sem dúvida, no fato de que elas são sempre menos remuneradas que os homens, e

mesmo quando todas as coisas são em tudo iguais, elas obtêm cargos menos elevados com os mesmos diplomas e, sobretudo, são mais atingidas, proporcionalmente, pelo desemprego, pela precariedade de empregos e relegadas com mais facilidade a cargos de trabalho parcial o que tem, entre outros efeitos, o de excluí-las quase que infalivelmente dos jogos de poder e das perspectivas de carreira (BOURDIEU, 2012, p. 111).

As mulheres pesquisadas não tiveram acesso ao ensino superior. Por se tratar de uma realidade inserida no campo, estas mal terminaram o Ensino Médio e tornaram-se agricultoras e/ou donas de casa. Esses fatores tornam mais difícil o acesso aos cargos mais elevados e melhor remunerados, como nos revela Orquídea (2019):

Antes de vim trabaia aqui, eu só trabaia mesmo era na roça, fazendo uma coisinha e outra, mas nada certo não. Eu cuidava de casa também. Não tinha imprego não e até porque as coisas aqui são muito difíceis, moça! Pra quem não estuda é que não tem nadinha mermo. Agora só tá bom porque nós tem carteira assinada e tudo (ORQUÍDEA, 2019)¹².

Por constituir-se numa mudança paradigmática, cultural e familiar, os avanços das mulheres em busca de seus direitos as levaram a iniciar um rompimento e uma caminhada na sua condição de submissão, expressa até o início do século XX, e a inserir-se no mercado de trabalho, conforme nos mostra Rosa Azul (2019):

Emprego já é difícil e pra dona de casa sem estudo ainda é mais. Antes daqui só cuidava de casa mesmo. Aí cê sabe que dona de casa precisa de um dinheirinho pra comprar nossas coisinhas, e sem trabaia, como fica, né? Tem é que enfrentar mesmo (ROSA AZUL, 2019)¹³.

Quanto à presença feminina no mercado de trabalho, Neves (2013) vai apontar que é caracterizada por continuidades e mudanças, ou seja, um processo que mesmo se reconfigurando ainda retém velhos conceitos e práticas do patriarcalismo que o enraizou. O autor ainda propõe que a atividade fora de casa, a partir de 1980, tornou-se tão importante quanto a maternidade, confirmando assim o valor das atividades ocupacionais desenvolvidas pelas mulheres no setor de serviços.

A presença feminina no mercado de trabalho traz uma maior diversificação, assim como o surgimento de novas profissões, além da consolidação do papel feminino no trabalho. Embora os desafios ainda se apresentem na sociedade frente às conquistas femininas, atualmente podemos observar que as mulheres vêm desempenhando funções no mercado de trabalho antes majoritariamente realizadas por indivíduos do sexo masculino.

O processo dessas “quebras” de barreiras sexistas no mercado de trabalho vem se tornando realidade contínua, apesar de ainda haver em nossa sociedade uma desigualdade acentuada nessa

12Entrevista realizada com trabalhadora na fazenda de flores em São Benedito-CE, em março de 2019.

13Entrevista realizada com trabalhadora na fazenda de flores em São Benedito-CE, em março de 2019.

questão, bem como as condições de trabalho que são ofertadas. Em muitos casos, algumas profissões já lançam seus cargos para serem ocupados exclusivamente pelo sexo masculino.

Conforme Campos (2011), apesar de o modelo capitalista ter se expandido ao longo dos séculos, revolucionando as formas de trabalho e de viver da sociedade, a desigualdade de gênero ainda sustenta o status naturalizado socialmente e torna-se justificável para os tradicionais e conservadores modelos de discriminação e preconceitos contra a mulher.

Contudo, o que percebemos é que cada vez mais as mulheres vão se moldando diante das intempéries que se apresentam no mundo globalizado, e mantendo com luta e dignidade muitos méritos que só confirmam o quanto as mulheres podem ser consideradas capazes e resistentes a todos os modelos e sistemas que lhes são impostos.

Nesse contexto do trabalho da mulher, que permeou vários campos no tempo histórico, mas que teve suas condições trabalhistas fragilizadas, trazendo até hoje a marca precarizada do trabalho e de um lugar social. Interessa-nos pensar a mulher como sujeito capaz de superar os parâmetros a ela submetidos e ser a mudança e a voz dos espaços onde vivem.

A mão de obra feminina com poucas oportunidades de emprego apresenta-se, muitas vezes, em quantidade numerosa e acaba sendo um recurso de uso dos meios capitalistas, que podem pagar menos às mulheres trabalhadoras que aos homens.

Embora a mulher de hoje ocupe cargos antes destinados aos homens, o novo método da flexibilização do trabalho, que propõe mais lucro em pouco tempo, aproveita-se da mão de obra das mulheres pagando bem menos do que pagaria pelo uso da força masculina, como nos mostra Araújo (2007).

Se nos grandes centros urbanos, com mais oportunidades de emprego, as mulheres ainda são vítimas da exclusão e do preconceito, no campo, as poucas oportunidades que aparecem são muitas vezes reveladas em regime de exploração a essas mulheres pelos donos de terra ou de empresas privadas.

Portanto, no campo e nos lugares menos desenvolvidos, cujas ofertas de trabalho são mais escassas, as mulheres sofrem mais com a precarização do trabalho. Essas mulheres têm mais tendência a encarar a obrigação que a maternidade impõe e o trabalho na agricultura como uma de suas tarefas a mais enquanto mulher e dona de casa, e não como trabalho propriamente dito.

Durante muito tempo as mulheres camponesas, além das tarefas de casa, também trabalhavam na agricultura e cuidavam dos animais domésticos, no entanto, não eram remuneradas, porque seu serviço na roça estava englobado no trabalho familiar e seus trabalhos eram tidos apenas como uma ajuda. Elas, apesar de exerceram os mais diversos ofícios ao longo da história, nunca tiveram seus trabalhos valorizados e sempre foram consideradas como ajudantes de seus maridos, e mesmo

inserindo-se no mercado de trabalho, continuam enfrentando vários preconceitos, principalmente a precarização do trabalho.

Nos municípios em que o agronegócio chegou, as mulheres tornaram-se as maiores vítimas desse processo de precarização que se intensificou desde a década de 1990, com a implementação das políticas neoliberais responsáveis pela precarização da força de trabalho, em especial, a do mundo agronegócio.

Justamente nesses lugares mais afetados pelo agronegócio, Campos (2011, p. 20) aponta que “houve um notório enriquecimento do ramo ao mesmo tempo em que aumentou a pobreza feminina”. A autora ainda nos confirma que o padrão capitalista, emergente nos mercados globalizados, compõe um sistema cada vez mais burocratizado, competitivo e excludente das massas, e em especial das mulheres, que tiveram seus trabalhos e direitos tardiamente reconhecidos.

Dentre tantas mudanças, o resultado mais visível do agronegócio pode ser visto no aumento da competitividade, que desencadeou a eliminação de muitos postos de trabalho e resultou num alarmante desemprego e exclusão social de milhões de trabalhadores e trabalhadoras.

Assim, Araújo (2007) ainda nos lembra que o processo de reestruturação produtiva passa a ter uma ligação com o gênero por eleger postos, excluir classes e fortalecer a divisão sexual do trabalho, quando discute que:

Na sua heterogeneidade, o processo de reestruturação produtiva tem uma nítida dimensão de gênero, pois seus efeitos perversos, desiguais e excludentes atingem de forma particular as mulheres. Por isto homens e mulheres estão implicados de modo distinto neste processo de mudanças, vivenciam-no e o percebem de maneiras distintas (ARAÚJO, 2007, p. 3).

A mulher, conforme Campos (2011), sempre possuiu um histórico de exclusão, porém, a grande questão é que mesmo após tantas lutas e conquistas, as mulheres ainda continuam enfrentando diversos preconceitos, como relata Orquídea (2019).

É bom, mas não é fácil! É como todo emprego que a gente tem que se dedicar e trabalhar muito. Tem gente que pensa que é só bom trabalhar nas rosas, né? Mas não é não! A gente vem todo dia e fica o dia todim. E é sempre em pé! Tem dia que sai toda dolorida de tanto trabalho (ORQUÍDEA, 2019).

Ainda conforme Campos (2011), em sua análise sobre a pobreza feminina, a autora aponta que a feminização do trabalho cresce na mesma medida que a feminização da pobreza, fazendo com que a mão de obra feminina seja mais impactada com as políticas macroeconômicas adotadas no país.

Geralmente, a mão de obra das mulheres no campo tem tendência a sofrer mais quando se trata de valoração do trabalho. Assim, Becher e Klanovicz (2016) concluem que é possível entender que o trabalho é, em grande medida, qualificado e valorado, tanto em função de quem o executa como em função da posição que os membros ocupam na hierarquia social. Portanto, toda força e

apoio do Estado capitalista volta-se para os agentes do capital que transformam o campo em empreendimentos particulares.

A realidade das mulheres no campo acaba sendo mais cruel, visto que as oportunidades são mais carentes e o acesso dessas mulheres às políticas públicas torna-se cada vez mais restrito, conforme discutem Becher e Klanovicz (2016), ao destacarem que na América Latina e no Caribe a porcentagem de mulheres nas atividades agropecuárias tem crescido bastante nos últimos anos.

As mulheres camponesas sempre trabalharam e tiveram em sua lida com a terra o resultado que garantia sua participação na dinâmica do lar. Elas usavam a terra e seus recursos como uma dádiva, retirando dela os bens que necessitavam e garantindo seu espaço e lugar no meio que convivem. Nesse contexto, Becher e Klanovicz (2016) afirmam que, mesmo no campo, as mulheres já buscavam se auto afirmar na sociedade patriarcal de seus tempos. O autor mostra que, “o movimento dessas mulheres sempre buscou a superação de uma cultura muito mais patriarcal do que se visualizava nos centros urbanos.” (BECHER; KLANOVICZ, 2016, p. 161).

Nesse contexto, o campo sempre foi considerado mais do que lugar de sustento, é o lugar da partilha do conhecimento popular, das festas celebradas nas colheitas, das conversas na hora de preparar a mandioca para a farinhada, da divisão e empréstimos das sementes para o plantio, bem como de tantas outras práticas ricas em solidariedade e cultura que marcaram por tempos a história do nosso povo.

A vivência pacífica que o campo garantia aos povos, que retiravam da terra seu sustento e suas identidades, foi quebrada pela lógica capitalista e dissipada pelo agronegócio, que se instala nos espaços naturais e acaba com todas as relações aprazíveis existentes antes entre o homem e a terra, como relata Stédile (2010).

Privatizaram o acesso à terra. E agora, sendo uma mercadoria, somente pode ter acesso a ela, quem tiver dinheiro, capital. Ao mesmo tempo, os pobres camponeses que ainda viviam sobre ela, são induzidos a vendê-la, a comercializá-la, como uma mera mercadoria. E a migrar para as cidades, transformando-se em mão-de-obra barata para as indústrias, fechando, assim, o ciclo perverso do capital (STÉDILE, 2010, p. 2).

No caso das mulheres camponesas que vivem da participação comunitária e têm seus lugares definidos na dinâmica do trabalho no campo, ao se depararem com os moldes capitalistas ficam sem espaços e papel para serem quem são e continuar a fazer o que faziam antes. Afinal, o campo é lugar de todos e o trabalho com a terra é de quem se identifica com ela e quer trabalhar.

Conforme Diniz (2010), o campesinato é uma classe social que se reproduz no interior do capitalismo. O camponês vive e usa da terra como um bem, ao contrário do capitalista, que faz uso da terra como produto e meio de exploração. A autora traz essa realidade ao apontar que:

Na lógica capitalista, a terra constitui-se como objeto de negócio, onde a obtenção de lucro se dá através da exploração do trabalho alheio, logo, através da extração da mais-valia,

sendo, também, mantida como reserva de valor, segundo uma ordem concentrada no econômico e na terra, como negócio, que entra em confronto direto com a ordem camponesa, em que a terra é o eixo da reprodução da vida (DINIZ, 2010, p. 41).

Desse modo, a empresa privada quando chega nos espaços do campo mostra o real sentido e resultado do capital, seleciona o tipo de atividade a ser trabalhado e, delimitando a sua produção, escolhe quem pode e quem não pode trabalhar.

Nesse processo de exploração e exclusão de classes, as mulheres são as mais prejudicadas na seleção dos empregos, bem nos explica Campos (2011), ao dizer que a reprodução da pobreza social se mostra clara no enxugamento do mercado de trabalho, e nesse processo, a mulher é vista como limitada e por isso sofre mais cortes do que o homem.

3.2. Flores, expectativas e medos

Em meio a beleza das flores, as cortinas da vida velam realidades não mencionadas, sonhos não revelados e medos não contados. São histórias à espera de quem as ouçam, outras caladas ou ainda aguardando quem tenha a sensibilidade de interpretar nas entrelinhas das poucas palavras, dos olhares, e até dos diálogos não estabelecidos, as realidades vivenciadas pelos nossos sujeitos.

Tratam-se de vidas, experiências, histórias ditas e não ditas, todas encobertas por um belo campo de flores, produto tomado da natureza e usado pelo capital para se tornar um promovedor de riquezas, esforços e frustrações para quem dedica e gasta a vida gerando benefícios para uma minoria.

O medo é um sentimento presente em todos os lugares e setores. Nesse século que as mulheres experimentaram tantas conquistas e liberdades, também não deixaram de ser as maiores vítimas dos assédios, feminicídios e números absurdos de perseguições e preconceitos. Assim, esse medo acompanha diversas mulheres em suas realidades peculiares.

No trabalho com as flores, algumas mulheres nos confidenciaram um pouco de suas angústias e medos. Entre os medos descritos, algumas falaram sobre os casos de assédios em determinadas áreas de trabalho na empresa, cujo serviço era desempenhado por homens.

Mulheres mais jovens de outros setores, com as quais tivemos contato também em nosso processo de vivências das realidades pesquisadas, nos surpreenderam e nos revelaram que, convivendo muito com o sexo oposto nos serviços relacionados ao campo da empresa, cujos locais de serviço predominam pessoas do sexo masculino, sentiam-se por vezes assediadas, razão que as levavam a evitar as ocasiões de ficarem a sós com os grupos masculinos. Rosa Rebu (2019) afirma que:

Eu me sentia sim assediada por eles, e me senti assim por diversas vezes. Não dava pra ficar sozinha em alguns lugares que sempre vinha algum com alguma gracinha ou querendo

se aproveitar da situação de não ter outra mulher por perto. Realmente no meu setor isso era muito chato e incomodava bastante (ROSA REBU, 2019)¹⁴.

Não é fácil ser mulher que precisa quebrar os paradigmas e os “não pode” da sociedade, ou até mesmo o “isso não é trabalho de mulher”. Contudo, estar em um ambiente com tarefas desempenhadas por homens torna-se mais desafiador e expõe a mulher ao julgamento e às provocações masculinas, como afirma nossa entrevistada.

Desconfortável e dava medo ter que ouvir determinadas coisas deles. Eu tentava sempre não me envolver e o tempo que estive lá foi cercado de piadas e cantadas sem graça sempre que eu estava sozinha e próxima a algum deles. (ROSA NEGRA, 2019)¹⁵

As várias formas de violência ainda estão presentes, enquanto mecanismos de controle e de reprodução das desigualdades, constituindo-se em método para intimidar e subordinar as mulheres, mantendo o desequilíbrio de poder nas relações e marcando a dominação masculina. Para conviver com essa realidade, elas “fingem” não entender a “cantada” do chefe, ou do colega de trabalho, para garantir o emprego.

No transcorrer dos dias de vivência com nossos sujeitos pesquisados, percebemos que havia também uma palavra que também causava medo e angústia ao ser mencionada por algumas pessoas. Tratava-se do veneno usado nas plantações e que assombrava algumas pessoas sobre o fato.

Embora nem todas saibam dos riscos para com os assuntos referentes ao tema, surgem falas de forma bastante tímida e com alguns receios do que pode ser realmente o uso dos pesticidas para a saúde humana. Desse modo, procuramos conversar com as pessoas sobre os possíveis usos e as consequências que esses produtos poderiam trazer para a saúde humana.

Entendemos que a revolução verde que influenciou de forma marcante e, porque não dizer, alienante, a forma de produzir na agricultura, difundiu como verdade absoluta no mundo que não se podia mais produzir sem o uso dos agrotóxicos e dos suportes vendidos pelo pacote tecnológico dos países hegemônicos.

O objetivo dos países que vendiam os recursos do pacote tecnológico era lucrar e criar dependências cada vez maiores das pequenas economias em relação aos geradores e patrocinadores do grande capital. Criou-se, assim, a dependência dos modelos transgênicos divulgados no campo e a subordinação dos camponeses ao grande comando do agronegócio, que pretende se impor e dominar as formas de produzir.

O uso de agrotóxicos por parte dos usuários da terra na agricultura tornou-se cada vez mais comum. Segundo Bombardi (2017), em sua discussão conhecida como “atlas do agrotóxico”, a autora nos revela que o Brasil é a nação que mais consome agrotóxicos no mundo. As pesquisas,

14Entrevista realizada com trabalhadora na fazenda de flores em São Benedito-CE, em agosto de 2019.

15 Entrevista realizada com trabalhadora na fazenda de flores em São Benedito-CE, em agosto de 2019.

cientificamente comprovadas, apontam que 30% dos agrotóxicos usados no Brasil já são proibidos na União Europeia.

Esse tipo de notícia é questionado e velado pela mídia e pelos produtores hegemônicos como inverdade, já que o país é tão grande em suas dimensões. Esse fato seria uma justificativa absurda e permissiva para que os milhões de brasileiros consumam cada vez mais inadmissíveis índices de venenos em suas alimentações e estejam sujeitos aos mais diversos tipos de doenças físicas e neurológicas.

Desse modo, Bombardi (2017) revela que o Brasil tem cerca de 504 ingredientes ativos com registros autorizados. Deste número, mais de cem produtos já são proibidos pela União Europeia que, por sua vez, também não permite a pulverização aérea, usada e aplaudida no Brasil.

Partilhando do mesmo pensamento, Rigotto (2015) afirma que, enquanto nos últimos anos o mercado mundial de agrotóxicos cresceu 93%, o mercado brasileiro cresceu 190%, ultrapassando os Estados Unidos e “assumindo o posto de mercado mundial de agrotóxicos”. Assim, a autora expõe sua visão ao dizer que:

O modelo de produção agrária atualmente hegemônico no Brasil, marcado pela entrada do capitalismo no campo e pela Revolução Verde que lhe dá sustentação, revela-se perverso em seu modelo de apropriação/exploração/expropriação da natureza e da força de trabalho. O agronegócio é uma expressão de seu potencial morbigeno e mortífero, que transforma os recursos públicos e os bens naturais em janelas de negócios (RIGOTTO,2015, p. 96).

O uso dessas substâncias presentes na alimentação humana está cientificamente comprovado como causa de inúmeros problemas no país, alertam ainda Rigotto (2015) e Bombardi (2017). Conforme as autoras, o fato de o câncer ser a segunda causa de morte no país, o aumento dos índices de obesidade, depressão, suicídio e má formações congênicas estariam ligadas também aos altos níveis de consumo de venenos na alimentação dos brasileiros.

A serra da Ibiapaba, por ser uma grande produtora de hortifruticultura, já tem uma vivência elevada com os diversos tipos de agrotóxicos vendidos no mercado. É muito comum ver nas lojas de vendas de produtos agro a quantidade de venenos ditos “permissíveis”, como nos ensina Borbardi (2017). Esses venenos são comercializados para as plantações nos sítios.

Em nosso recorte da pesquisa, os representantes da empresa sempre ressaltaram que o combate às pragas na produção de rosas é feito com o uso de defensivos e controles biológicos¹⁶, e que a empresa tem grande preocupação ambiental como responsabilidade.

Todavia, sabemos que não é possível que esses modelos industriais de produção em larga escala, cujo objetivo é sempre a maior elevação de lucros, que eles mantenham-se sempre com

16 O controle de pragas biológico é feito por meio de predadores naturais como fungos e bactérias que são comprados com o intuito de combater os pulgões e outros insetos que atingem as plantações.

medidas naturais quanto a controles de pragas sem prejudicar as comunidades ecológicas e as formas naturais já residentes nos lugares hoje ocupados por elas.

Próximo à empresa das flores, alguns relatos de uso de veneno tornam-se assustadores. Percebemos essa afirmativa quando vemos no relato de Antúrio (2019) as informações que chegam até eles dos possíveis casos de uso de agrotóxicos.

Eu mesmo já ouvi muita gente aqui dizer que o veneno que eles usam lá nas flores mata até gente! O povo escuta essas coisas e num deve ser mentira não. Um dia desse tavam dizendo por aí que já teve até gente lá de dentro que morreu por causa de tanto cherar veneno. Faz é medo trabaiair com veneno, né? Porque querendo ou não, quem tá lá dentro do serviço acaba sentindo o cheiro do veneno e pode até ficar doente mesmo (ANTÚRIO, 2019)¹⁷.

Nenhum controle de praga é totalmente biológico e, quando as metas são a prioridade, o uso clandestino de produtos químicos apresenta-se como a opção mais eficaz aos trabalhadores que precisam mostrar seus resultados.

Rainha Margarida (2019) afirma que conviveu um tempo na empresa e, embora o uso de produtos químicos fosse, verbalmente, proibido pela direção o uso velado ou não dos produtos continuava acontecendo, mesmo em quantidades maiores que as recomendadas. Assim nos confirma ao dizer que:

Na verdade, eu acredito que os donos nem sabiam, mas os meninos usavam escondido porque era uma forma de efetivar os serviços e a produção. Às vezes eles botavam até mais do que se podia usar. Eu sabia disso e digo porque estava sempre por lá e via eles comentando e usando. A gente sabe que, por mais que digam que não usam, sempre tem alguma coisa, porque é muito difícil garantir o controle de pragas sem a ajuda desses produtos. Por isso eu digo que usavam sim (RAINHA MARGARIDA, 2019)¹⁸.

Essa informação pode ser também analisada quando, na fala da Rosa Ipanema (2019), ela se refere ao uso da máscara ou mesmo de uma blusa como meio de proteção para o cheiro nas estufas. Ou seja, as mulheres que trabalham diariamente na produção sabem e experimentam dos riscos e consequências do uso dos venenos.

Não conseguimos adentrar mais nos problemas de saúde já desenvolvidos por elas ou por parte daquelas que já passaram por esse processo de trabalho, mas sabemos que uma vez que o veneno é usado em solos, os resíduos atingem também o lençol freático, há indícios que a água do açude Jaburu¹⁹ apresente resíduos dos diversos tipos de veneno usados na produção de flores na serra da Ibiapaba. Nos últimos tempos, as problemáticas em torno do açude têm sido cada vez mais frequentes na vida da população, que reclama constantemente da falta de água nas residências, vale ressaltar que esse é o único sistema de abastecimento de água da região.

17Entrevista realizada com morador próximo a fazenda de flores em São Benedito-CE, em agosto de 2019.

18Entrevista realizada com trabalhadora na fazenda de flores em São Benedito-CE, em agosto de 2019.

19 Esse açude fica localizado no município de Ubajara e é responsável pelo abastecimento de água a todos os municípios da Serra de Ibiapaba, além de alguns municípios do Piauí. Suas águas correm pela Chapada da Ibiapaba e deságuam no rio Piracuruca, importante afluente do Rio Parnaíba.

O açude Jaburu faz parte da bacia do Parnaíba, que é a segunda bacia mais importante do Nordeste, ocupando uma área de 331.441 mil Km². Destes, 249.441 mil estão no Piauí, 65.492 mil no Maranhão, 13.690 mil no Ceará e 2.772 mil em áreas de litígio entre Piauí e Ceará.

Portanto, as flores, símbolo de esperança, de beleza, de alegria, apontaram, para as famílias de agricultores, realidades antes não conhecidas, adentra no campo, trazendo várias consequências ainda não mensuráveis e, ao mesmo tempo, incorporando o trabalho feminino a um caminho de embotamento, conformidade e exploração.

A rotina de trabalho nos canteiros é baseada, na grande maioria dos casos, no nível de produtividade, incluindo escalas de trabalho dominical (em face do caráter perecível do produto), o que não deixa espaço e tempo para a concreta realização de antigos sonhos e projetos, sobretudo para as gerações mais jovens de agricultores.

E vemos agora, nas expressões de nossos sujeitos, os poucos projetos futuros, porque não dizer a falta de perspectivas diante da conformação à qual o capital sujeita as pessoas nas mais diversas realidades, em que a hegemonia tornou-se a marca mais forte e dominadora na vida dos mais necessitados.

O modo de vida das mulheres e mães trabalhadoras mostra-se como sujeitas realmente ao dominador, outrora discutido no início desse trabalho, porém não se trata mais da dominação masculina imposta a elas em outros momentos, mas da dominação e da opressão que os mais ricos impõem aos mais pobres, seja por meio da exploração ou de outras formas de uso do poder.

Contudo, a mulher sempre esteve na posição de exploração e, mais uma vez, se submete aos abusos do capital e da necessidade. A mesma mulher oprimida também é aquela que se empodera, quebra os jugos que a oprimem, buscando novas realidades e apontando para novos horizontes. cremos que o grande legado deixado nessas linhas seja o recado que o título sempre quis trazer e esperamos ter conseguido passar, que nem tudo são flores, as verdades podem não estar estampadas nas realidades propagadas pelas mídias e pelo capital.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conscientes de que a vinda dos produtores do agronegócio de destaque nacional não está ligada ao local de instalação, mas sim, à produção e, conseqüentemente, aos lucros que os municípios podem oferecer aos investidores, procuramos perceber a influência e as reais consequências que a instalação da fazenda de flores trouxe à vida das mulheres que diariamente enfrentam duras rotinas de trabalho nas plantações de rosas e plantas ornamentais em São Benedito-CE.

Muitos desses empreendimentos do agronegócio não possuem nenhum vínculo com o lugar, desse modo, se a produção não corresponder futuramente às expectativas de seus donos, essas empresas podem migrar, deixando no local uma grande lacuna para a mão de obra empregada nesse setor.

As mulheres pesquisadas revelam parte de suas dificuldades e lutas no processo de exploração, que é o agronegócio das flores. Arranhões na pele, queixas de problemas de saúde, dores nas pernas, medo de adquirir algum tipo de doença devido à exposição às altas temperaturas a que são submetidas nas estufas de flores, são algumas das realidades com que nos deparamos nessa pesquisa. Não conseguimos adentrar mais nos problemas de saúde já desenvolvidos por elas ou por parte daquelas que já passaram por esse processo de trabalho, fica como indagação aos nossos anseios não alcançados nessa dimensão da pesquisa.

Em nossa pesquisa pudemos analisar como algumas mulheres também chegam a sofrer preconceitos nas suas realidades, principalmente as mulheres que lidam nas áreas técnicas e convivem diretamente com grupos de homens. Algumas mulheres revelaram assédios e um grande preconceito quando tinham de chefiar ou dirigir um grupo de homens.

Alguns setores que não foram acessados cortinam realidades de diversas empresas do país, cujos donos não sabem como funcionam, não acompanham ou não se importam porque a eles cabem o lucro, e não o massacre de vidas suadas que diariamente se anulam e se matam um pouco para que estes enriqueçam.

Dentre as realidades não alcançadas fica por pesquisar os locais que as flores eram tingidas e como se davam esses processos e a segurança das pessoas que lidavam com essas funções bem como os cargos ocupados por mulheres nos demais setores da empresa se eram realmente de pessoas vindas de outros municípios ou não.

Ainda teríamos muito por estudar, observar e concluir, contudo, vemos como grande legado desse trabalho o fato de poder desmitificar frases mentirosas e preconceituosas que vêm afirmar que o emprego com flores é fácil e, por isso, é lugar de mulher.

Dentre tantas descobertas por meio da pesquisa e dos relatos das mulheres, por hora, nos adiantamos em dizer que a grande contribuição da pesquisa até a escrita atual é afirmar que, mesmo diante da beleza das flores, a força de trabalho das mulheres é realizada com suor e bravura, nos fazendo crer que por trás da beleza das rosas, nem tudo são flores.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Sejamos Todos Feministas**. Tradução de Christina Baum. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 64p.

- ANTUNES, R. L. C. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009. 264p.
- ARAÚJO, A. M. C. Trabalho, Precarização e Relações de Gênero em Tempos de Flexibilização e Reestruturação Produtiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., 2007, Recife. **Anais...** Recife, 2007.
- BEAUVOIR, S. **Segundo Sexo**: A Experiência Vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. 744p.
- BECHER, C.; KLANOVICZ, J. Mulheres Camponesas e os desafios do acesso às políticas públicas para igualdade de gênero. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, p. 159-177, 2016.
- BOMBARDI, L M. **Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia**. São Paulo: Copyright São Paulo, 2017. 296p.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 208p.
- CAMPOS, C. S. S. **A face feminina da pobreza em meio a riqueza do agronegócio** trabalho e pobreza das mulheres em territórios do agronegócio no Brasil: o caso de Cruz Alta/RS. 1. ed. Buenos Aires: Clacso, 2011. 291p.
- CAMPOS, R. C. et al. Gênero e Empoderamento: Um Estudo Sobre Mulheres Gerentes nas Universidades. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 97115, 2017.
- COSTA, K. S.; SANTOS, C. D. A reestruturação produtiva e produção de flores no planalto da Ibiapaba-Ce. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 25., 2016. Aracaju. **Anais...** Aracaju, 2016.
- DINIZ, A. S. Contribuições teóricas para a compreensão do campesinato. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 12, n. 1, 2010.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em 05 mai. 2018.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 184p.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. 176p.
- MATOS, M. Teoria de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 16, v. 2, p. 333-357, 2008.
- NEVES, M. A. Anotações sobre trabalho e gênero. **404 Caderno de pesquisa**, v. 43, n. 149 p. 404-421, 2013.
- OLIVEIRA, A. U. A Geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, A. F. A. (Orgs.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.

ROCHA, L. B.; SAMPAIO, J. L. F. A produção de flores no estado do Ceará em Baturité, Redenção e São Benedito. **Mercator**: Revista de Geografia da UFC, Fortaleza. v. 8, p. 139-139, 2013.

RIGOTTO, R. M. (Org). **Dossiê ABRASCO**: Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Expressão popular. Rio de Janeiro/São Paulo, 2015. 628p.

ROSSINI, R. As Geografias da Modernidade – Geografia e Gênero - Mulher, Trabalho e Família. O exemplo da área de Ribeirão Preto-SP. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 12, p. 7-26, 2011.

SAFFIOTI, H. **A Mulher na Sociedade de Classes**: Mito e Realidade. 3. ed. São Paulo: Expressão popular, 2013. 528p.

SANTOS, M. **Os Dois Circuitos da Economia Urbana e suas Implicações Espaciais**. São Paulo: EDUSP, São Paulo, 2008. 116p.

SEBRAE. **Flores e Plantas Ornamentais do Brasil**. Série Estudos Mercadológicos, 2015. 44p.

STÉDILE, J. P. **A natureza do desenvolvimento capitalista na agricultura: a conjuntura internacional da agricultura**. Diálogos, Propuestas, Histórias para uma Cidadania Mundial. 2010. Disponível em: <http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fichedph-8244.html>. Acesso em: 13 jun. 2019.